

Anil's Ghost é uma história ficcionada desse período. Anil Tissera volta ao seu país de origem, como integrante de uma sociedade internacional de direitos humanos, depois de viver 15 anos no exterior, para descobrir que assassinatos, segredos e atrocidades permeiam a realidade do seu país.

**Vanessa Cianconi Vianna
Nogueira**

Barbárie infinita e amnésia pós-colonial em *Anil's ghost*, de Michael Ondaatje

Never-ending barbarism and postcolonial amnesia in Anil's Ghost, by Michael Ondaatje

VANESSA CIANCONI VIANNA NOGUEIRA*

Resumo

A diferença racial é uma espécie de buraco negro que pode engolir todas as aptidões para o mal, o barbarismo e a sexualidade descontrolada. O contato entre a diferença racial e a diferença identitária cria entre a metrópole e a colônia um mal-estar nos valores do colonizador. A barbárie, dessa forma, existe na própria cultura. Logo, as barreiras são produzidas. O Oriente, considerado por Said como uma criação do discurso é, exposto de volta para o Ocidente, mostrando que o sonho pós-colonial de descontinuidade é vulnerável ao resíduo infeccioso de seu próprio passado não resolvido e que o desejo de um novo começo (luta anticolonial) provoca uma amnésia pós-colonial em muitas ex-colônias, como uma tentativa de um novo começo, isto é, livre dos *fantasmas do trauma da colonização*. *Anil's Ghost*, de Michael Ondaatje, é uma história ficcionalizada da passagem do tempo que daria significado a essa barbárie. Dar nome ao corpo era como olhar para os olhos do Buda. Esse significado, quer dizer, rememorar o passado, abriria portas para escapar da dor e do medo.

Palavras-chave: Cultura; Orientalismo; Pós-colonialismo; Memória.

Abstract

Racial difference is a species of black hole which can swallow every single aptitude to evil, barbarism, and uncontrolled sexuality. The contact between racial and identity differences creates an evil being between the metropolis and the colony. Barbarism, therefore, exists in culture itself creating barriers. The West, considered by Said as a discourse creation, is exposed back to the East, showing that the post-colonial dream of discontinuity is vulnerable to

* Doutoranda em Literatura Comparada na UFF e mestre em Literatura Comparada pela UFRJ; docente da Universidade Federal Fluminense; E-mail: vcianconi@hotmail.com .

the sick residue of its own unresolved past, and the desire of a new beginning provokes a post-colonial amnesia in many ex-colonies, that is, free from the colonization ghosts. *Anil's Ghost*, by Michael Ondaatje, is a fictionalized story of time that gave meaning to this barbarism. To name the body meant to look into the Buddha's eye. This meaning, that is, to re-remember the past, would open the doors in order to flee from the fear and the pain.

Keywords: Culture; Orientalism; Post-colonialism; Memory.

Em *Postcolonial Theory*, livro de 1998, ou seja, 20 anos após a publicação de *Orientalismo*, de Edward Said (1978), Leela Gandhi demonstra que as discussões suscitadas por Said não são somente contemporâneas às questões em que vivemos, mas também ainda valem a pena serem discutidas, isto é, a eterna, mas não pouco importante, discussão se o subalterno pode mesmo falar?

Na nova introdução ao *Orientalismo*, escrita após os ataques terroristas de 11 de setembro, Said (1978) relembra que as diferenças entre o Ocidente e o Oriente ainda trazem à tona motivos de discussões, pois nos lembram o tempo inteiro da guerra desnecessária e das consequentes invasões, ou acusações desmedidas ao Iraque, ao Afeganistão, ao Irã e a tantos outros países do oriente, isto é, a criação de um outro "eixo do mal", que, para Said (Ibid.), fazem parte de um suposto choque de civilização – choque sem fim, implacável e irremediável.

Essa análise também nos lembra o termo que Walter Lippman cunhou em 1922 em *Public Opinion* e que Noam Chomsky resgatou pós 11 de setembro de 2001, após o atentado terrorista às Torres Gêmeas, em Nova York. Esse termo refere-se à "indústria do consentimento", a fim de manter a opinião pública norte-americana a favor das invasões no Oriente, plantando, por meio da mídia, "fatos não necessariamente verdadeiros", mas que justificassem a barbárie.

Ghandi considera, em sua teoria política, que os estudos pós-coloniais tornam possível a não-ocidentais migrados para o Ocidente apresentarem sua herança cultural como conhecimento. Michael Ondaatje é um desses não-ocidentais; nasceu no Sri Lanka em 1943 e migrou para o Canadá em 1962, onde hoje reside. De origem Tamil, Cingalesa e Portuguesa, Ondaatje escreve em inglês, e, de acordo com Goonetilleke, escreve em decorrência do conflito étnico.

No entanto, para esse crítico da Universidade de Kelaniya, Ondaatje, como todos os outros autores de língua inglesa, escreve:

(...) da periferia do conflito, respondendo a uma situação política com políticos que não vão levar em consideração o ponto de vista do autor e com militantes e soldados que por não saberem ler em inglês nunca serão influenciados por pena ou propaganda de uma classe que vive

confortavelmente e não divide suas privações e frustrações
(apud COUTINHO, 2001, p. 4).

Mas será que a intenção do autor é realmente ser lido somente pela população de seu país de origem, ou o seu objeto real não era, através de seus livros, apresentar ao mundo a barbárie em que vivem as pessoas no Sri Lanka? E, além disso, fazer pensar o que Niall Ferguson perguntou em entrevista ao programa *Milênio*, da **Globo News**, em novembro de 2007: o que leva um povo a subjugar o outro?

A República do Sri Lanka, anteriormente conhecida como Ceilão, segundo o Consulado do Sri Lanka na internet, é uma ilha verde e agradavelmente ensolarada, situada na região tropical, a 35 km do sul da extremidade oriental da Índia. Os cidadãos do Sri Lanka se orgulham de sua herança cultural característica, que teve suas bases numa civilização avançada, cuja origem foi há mais de 2000 anos.

O Sri Lanka era conhecido por muitos viajantes como a Pérola do Oceano Índico. A ilha de Ceilão, como era então conhecida, situada próximo à extremidade Meridional da Índia, era propensa a constantes invasões, devido a sua posição geográfica estratégica, que a tornou um centro comercial atraente. Os comerciantes visitavam frequentemente o país, já que era uma localização chave na Rota da Seda.

Durante os anos de 1980 e de 1990, uma sanguinolenta guerra civil destruiu o Sri Lanka. A história nacional é marcada pelo confronto entre os cingaleses (majoritários) e os 3 milhões de tâmeis. Os cingaleses, budistas, representam 74% da população. A minoria tâmil, aproximadamente 12% dos habitantes, de origem hindu, concentra-se no extremo norte do país e desenvolve intenso movimento separatista, que inclui terrorismo e sabotagem. Para piorar a situação, em 1956, o cingalês é declarado língua oficial, o que, obviamente, privilegia os cingaleses na educação e no acesso aos empregos públicos.

Anil's Ghost é uma história ficcionada desse período. Anil Tissera volta ao seu país de origem, como integrante de uma sociedade internacional de direitos humanos, depois de viver 15 anos no exterior, para descobrir que assassinatos, segredos e atrocidades permeiam a realidade do seu país. Ela, junto de dois irmãos – um cientista-monge e um artista que pinta olhos em Budas – testemunham algo que vai além da tragédia. Ao investigar um sítio arqueológico, Sarath e Anil encontram um esqueleto queimado misturado a tantos outros. A evidência aponta não só para uma morte violenta, mas também para o fato de que esse corpo foi trazido para aquela vala de algum outro lugar.

Como o lugar é fechado e policiado pelo exército, fica claro que esse corpo é mais uma prova dos movimentos obscuros do governo. Mas como identificar o homem morto? Para tal, eles visitam Palipana – um iminente arqueólogo aposentado e antigo professor de Sarath, à beira da morte, que vive em um monastério abandonado – Palipana conhece Ananda, que pode

reconstruir o rosto através da caveira. Ananda é o último pintor vivo de olhos de Buda e, para os budistas, somente após a pintura dos olhos é que a estátua se torna sagrada. Mas, para evitar contato direto com a divindade, os pintores de olhos usavam espelhos e pintavam através do reflexo. O rosto é reconstruído, mas tem, por causa de seus olhos, uma expressão não usual de serenidade, pois, para Ananda, a morte nada mais é do que um estado de paz.

Esse ensaio pretende discutir o romance de Michael Ondaatje, *Anil's Ghost*, e o orientalismo sob uma ótica política, que compara o que é o império para Said e para Negri e as duras consequências para os povos colonizados.

Para Said (1955, p. 43), quase todo escritor do século XIX era extraordinariamente consciente do fato de o império e toda a ideia (dele) consistir em dizer que podemos compreender melhor a persistência e a durabilidade de sistemas hegemônicos saturadores, como a cultura, quando percebemos que suas coerções internas sobre os escritores e os pensadores foram produtivas, e não unilateralmente inibidoras. Isto é, existe na consciência do escritor a influência da cultura hegemônica em seus escritos, não necessariamente de uma forma negativa.

Em *Império*, Antonio Negri (2005) acrescenta que o colonialismo e a subordinação racial serviram como soluções para a crise da modernidade europeia. A construção negativa de outros não europeus é o que funda e sustenta a própria identidade europeia. A identidade colonial funciona pela lógica maniqueísta de exclusão. A diferença racial é, então, uma espécie de buraco negro que pode engolir todas as aptidões para o mal, o barbarismo e a sexualidade descontrolada.

O contato entre a diferença racial e a diferença identitária cria, entre a metrópole e a colônia, um mal-estar nos valores do colonizador. A barbárie, dessa forma, existe na própria cultura. Logo, as barreiras são produzidas.

O Oriente, então, é uma criação do discurso, feito (criado) na Europa e exposto de volta para o Oriente. Dessa forma:

o Orientalismo é postulado sobre a exterioridade, isto é, sobre o fato de que o orientalista, poeta ou erudito, faz o Oriente falar, descreve o Oriente, esclarece os seus mistérios por e para o Ocidente. Ele nunca está preocupado com o Oriente exceto como causa primeira do que diz. O que ele diz e escreve, em virtude do fato de ser dito ou escrito, pretende indicar que o Orientalista está fora do Oriente, não só como um fato existencial, mas também moral (NEGRI, 2005, p. 51).

Ainda,

o seu oriente não é o Oriente como ele é, mas o Oriente como ele foi orientalizado. Um arco ininterrupto de conhecimento e poder conecta os estadistas europeus ou ocidentais e os orientalistas ocidentais; forma a orla do palco que contém o Oriente. No final da Segunda Guerra Mundial, tanto a África como o Oriente formavam menos um espetáculo intelectual para o Ocidente do que um terreno privilegiado para os ocidentais. O alcance do orientalismo correspondia exatamente ao alcance do império, e foi essa absoluta unanimidade entre os dois que provocou a única crise na história do pensamento ocidental sobre o Oriente e nas negociações com o próprio. E essa crise continua hoje em dia (SAID, 1995, p. 155).

Em *Orientalismo*, publicado em 1978, Edward Said faz três alegações principais. A primeira é que, apesar do Orientalismo pretender ser um campo objetivo, desinteressado e um tanto esotérico, na verdade funcionava para servir a fins políticos. Orientalistas forneceram os meios pelos quais os europeus tomaram o Oriente. Said (1978, p. 55, passim) é bem claro a respeito das consequências: “As leis coloniais eram justificadas de antemão pelo Orientalismo, ao invés de depois do fato”. No final do século XX, o campo ajuda a preservar o poder norte-americano no Oriente Médio e defende o que ele chama de uma “invasão e colonização Zionística da Palestina”.

Hoje, os centros acadêmicos estadunidenses estão mais preocupados em aconselhar diretamente o governo em política pública. O trabalho de Said (1978, p. 55) demonstra:

a metamorfose de uma filosofia relativamente inócua em uma capacidade de gerenciar movimentos políticos, administrar colônias, fazer declarações quase apocalípticas representando a dificuldade do homem branco em uma missão civilizatória.

A sua segunda alegação é a previamente discutida, de que o Orientalismo ajudou a definir a imagem europeia. Tem menos a ver com o Oriente do que com o “nosso mundo”. A construção da identidade, em qualquer tempo e em qualquer sociedade, mantém Said, envolve o estabelecimento do “outro”. Isso acontece porque “desenvolvimento e a manutenção de qualquer cultura requer a existência de um alter ego diferente e igualmente competitivo” (SAID, 1978, p. 55).

O Orientalismo levou o Ocidente a ver a cultura islâmica como estática no tempo e no espaço, como “eterna, uniforme e incapaz de definir a ela mesma” (SAID, 1978, p. 55, passim). Isso deu à Europa um sentimento superior cultural e intelectual. O Ocidente, por consequência, via a ele mesmo como dinâmico, inovador, expansivo, como “o espectador, o julgador de

cada movimento Oriental”. Isso se tornou parte do conceito imperialista. Em 1810, o autor francês Chateaubriand delegou à Europa o ensinamento do conceito de liberdade que ele, e todos os outros pensadores depois dele, pensavam que o Oriente desconhecia. Said diz que ele deu a razão para o imperialismo Ocidental, que poderia ser descrito por seus imperialistas não como uma forma de conquista, mas como uma forma de redenção de um mundo degenerado.

Em terceiro lugar, o Orientalismo produziu uma falsa descrição dos árabes e da cultura islâmica. Isso aconteceu principalmente devido à natureza essencialista da colonização – isto é, à crença em que era possível definir as qualidades essenciais dos árabes e da cultura islâmica. Essas qualidades, segundo ele, eram malvistas. O Oriente era definido como um lugar isolado do *mainstream* do progresso humano nas ciências, artes e comércio.

Essa abordagem um tanto quanto errônea, diz Said (1978), está na crença de que exista uma sociedade islâmica, uma mente árabe, uma psique oriental. Onde o Orientalismo erra ainda mais é na sua anacrônica suposição de que o Islã possuía uma unidade desde o século VII, que pode ser lida, através do Koran, por toda a sociedade moderna. Essa noção de que os Muçulmanos sofrem esse tipo de desenvolvimento retardado não somente é falsa, mas também ignora as mais recentes influências importantes, como a experiência da colonização, do imperialismo e, até, da política.

Said (1995) defende uma leitura que recrie os laços entre literatura e mundo, que retire o texto de seu isolamento formal e retórico e que, partindo de pesquisa histórica, compreenda o peso da autoridade e do poder na cultura, lembrando que a história é parte da criação humana e pode ser refeita e reescrita, sempre com silêncios, formas impostas e desfiguramentos tolerados, de modo que o “nosso” oriente possa ser dirigido por nós.

Gandhi (1998, p. 7) corrobora a ideia de Said, citando-a em *After Colonialism* e afirmando que a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza sobre se o passado é de fato *passado*, morto e *enterrado*, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas.

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. Esse problema alimenta discussões de toda espécie, como aquelas acerca de influências, responsabilidades e julgamentos, sobre realidades presentes e prioridades futuras (SAID, 1995, p. 33). Orientalismo, então, é um modo de abordar o Oriente na experiência ocidental europeia. O Oriente não é apenas adjacente à Europa, mas também o lugar das mais ricas, antigas e maiores colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade e experiência contrastantes (Ibid., p. 28).

Anil's Ghost começa com a chegada de Anil ao Sri Lanka. É interessante reparar no diálogo entre ela e o motorista, que denota o quão “ocidentalizada” Anil é. Ela já não mais fala Sinhala, não quer conversar com o motorista e não mais conhece ninguém no seu país de origem, onde viveu por dezoito anos. O único resquício de sua origem é na escolha da roupa para dormir, um sarongue, que os pais mandavam para ela como presente de Natal repetidamente através dos anos, como uma forma de mantê-la ainda ligada às suas raízes.

No entanto, nota-se, logo no início, que Anil não pertence mais ao Sri Lanka. Ela já está não apenas totalmente ocidentalizada, mas, muitas vezes, faz questão de esquecer detalhes da sua infância no Sri Lanka, onde se sentia uma estrangeira e “até hoje lembrava os código de área de Denver e Portland”¹. É sabido, entretanto, que para ela esse passado não está enterrado. Da mesma forma, o passado, apesar de parecer enterrado – como o governo queria fazer acreditar – é, durante todo o romance, desenterrado, analisado e, acima de tudo, reconstruído, para que a realidade pudesse vir à tona e mostrar ao mundo que “as mais obscuras tragédias gregas eram inocentes comparadas com o que estava acontecendo aqui”².

*Os corpos apareciam semanalmente agora. O cúmulo do terror foi em 88 e 89, mas é claro que é anterior a essa data. Todos os lados matavam e escondiam as evidências. Todos os lados. É uma guerra oficial, ninguém quer alienar os poderes estrangeiros (...). O governo não era o único matando. Você tinha e ainda tem três campos inimigos – um no sul, um no norte – usando armas, propaganda, medo, posters, censura. Importando armas modernas do oeste, ou fabricando as suas próprias. Alguns anos atrás as pessoas começaram a desaparecer. Ou corpos continuavam aparecendo sem poderem ser reconhecidos. Não há como culpar ninguém. E ninguém tem como dizer quem é a vítima. Os corpos apareciam semanalmente agora*³.

Por causa do orientalismo, o Oriente não é um tema livre para o pensamento e ação, mas também não é um fator determinante sobre o que pode ser dito sobre o Oriente; ele consiste em uma rede de interesses aplicados quando se discute o Oriente, e não mais os interesses europeus.

¹ “Even now her brain held the area codes of Denver and Portland” (ONDAATJE, 2000, p. 54).

² “Yet the darkest Greek tragedies were innocent compared with what was happening here” (ONDAATJE, 2000, p. 11).

³ “The height of the terror was ‘eighty-eight and ‘eighty-nine, but of course it was going on long before that. Every side was killing and hiding the evidence. *Every side*. This is an unofficial war, no one wants to alienate the foreign powers. So it’s secret gangs and squads. Not like Central America. The government was not the only one doing the killing. You had, and still have, three camps of enemies – one in the north, two in the south – using weapons, propaganda, fear, sophisticated posters, censorship. Importing state-of-the-art weapons from the West, or manufacturing homemade weapons. A couple of years ago people just started disappearing. Or bodies kept being found burned beyond recognition. There’s no hope of affixing blame. And no one can tell who the victims are. The bodies turn up weekly now” (ONDAATJE, 2000, p. 17).

O orientalismo mostra também que a cultura europeia ganhou força ao se contrastar com o Oriente, visto como uma espécie de eu substituto e até mesmo subalterno (Cf. SAID, 1955, p. 30, passim). Assim, se o imperialismo designa atitudes dominantes de um centro sobre territórios distantes, e se o colonialismo, por sua vez, nomeia a ocupação desses territórios, Said (Ibid.) lê, na contemporaneidade, a sobrevivência do primeiro e o encerramento do segundo.

O importante, então, é entender a influência desse passado que não passou sobre as “atitudes culturais do presente” (Ibid.) e, ao perceber que a divisão e hierarquização entre colonizado e colonizador ressurgem na atual relação entre Norte e Sul, buscar uma reflexão sobre o imperialismo que fuja à lógica imperial: “Haverá maneiras de conceber a experiência imperial sem recorrer a termos compartimentalizados, de forma a transformar nossa compreensão tanto do passado, quanto do presente, e nossa atitude em relação ao futuro?” (Cf. SAID, 1955, p. 30, passim). A proposta é complexa e audaciosa. Trata-se de “formular uma alternativa para a política da culpa” (Ibid.), denúncias e lamentações, por meio de uma “literatura comparativa do imperialismo” (Ibid.), um comparatismo contrapontual, que dá visibilidade às questões de poder e dominação na relação entre imperialismo e cultura, que ressalta a importância dos estudos culturais e subalternistas, e, ao mesmo tempo, está alerta para o perigo do conservadorismo e da essencialização das identidades nacionais. Contrapontuando com Said, Gandhi (1998) nos lembra que o sonho pós-colonial de descontinuidade é vulnerável ao resíduo infeccioso de seu próprio passado não resolvido e que o desejo de um novo começo (luta anticolonial) provoca uma amnésia pós-colonial em muitas ex-colônias, como uma tentativa de um novo começo, isto é, livre dos *fantasmas do trauma da colonização*. Tony Morrison (1989, p. 120), em uma entrevista sobre seu romance *Beloved*, lembra que “it is about something the characters don’t want to remember, I don’t want to remember, black people don’t want to remember, white people don’t want to remember. I mean, it’s a national amnesia”. [É sobre alguma coisa que os personagens não querem se lembrar, eu não quero me lembrar, os negros não querem se lembrar, os brancos não querem se lembrar. Quero dizer, é uma amnésia nacional]. Ao reconstruir o rosto daquele corpo fora de lugar, a memória é trazida de volta, a memória de um passado violento, mas não menos violento do que o presente. No caso de *Anil’s Ghost*, o passado não se pode calar – a cada cova, uma história é re-contada e o trauma é trazido à tona. Ao acharem o quarto corpo no sítio arqueológico, Anil e Sarath sabiam que aquele corpo, o corpo de Sailor, não era pré-histórico. Todas as evidências apontavam para algo que não estava ali:

Três esqueletos quase completos foram encontrados. Mas uns dias mais tarde, enquanto escavavam na parte mais profunda da caverna, Anil descobriu um quarto esqueleto,

*cujos ossos ainda estavam grudados por ligamentos secos, parcialmente queimados. Alguma coisa que não era pré-histórica*⁴.

A lógica da violência humana, achava Anil, não poderia ser entendida no momento em que ela estava acontecendo, que a passagem do tempo daria significado à barbárie. Esse significado, quer dizer, recordar o passado, abriria portas para escapar da dor e do medo; no entanto, nas palavras de Walter Benjamin:

no final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. Nunca houve nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiência mais radicalmente desmoralizada que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras (...) (BENJAMIN, 1996, p. 198).

A mancha da violência só levava à perda da habilidade de falar. No entanto, Anil e Sarath “só precisavam fugir do passado”⁵.

Para Gandhi (1998, p. 4), o pós-colonialismo é uma resistência à amnésia do processo colonial; é preciso visitar, lembrar, interrogar o passado colonial, pois é revisitando o passado que poderemos entender o presente. Para Ania Loomba (1998, p. XVI), na introdução de seu livro, *Colonialism/Postcolonialism*, o importante não é saber toda a diversidade histórica e geográfica do colonialismo para teorizar, mas saber que essas teorias precisam ser construídas em cima do fato de que diversidades existem, e não expandir o local ao status do universal. Albert Memmi (apud Gandhi, 1998, p. 7, passim), revolucionário e intelectual anticolonial, é pessimista porque considera que o homem leva tempo após a independência até deixar de ser colonizado. Ele sugere que essa condição de limbo pós-colonial (entre a independência e a dependência) se deve à memória da subordinação e à persistência das hierarquias coloniais na pós-independência. Da mesma forma, Lyotard (Ibid., p. 9) considera que esse “esquecimento” do passado com o objetivo de uma separação do passado colonial e reconstrução é uma ruptura, uma repressão do passado, e não uma superação deste. Para Bhabha (2004), a memória é a ponte necessária e perigosa entre o colonialismo e a questão da identidade cultural. A memória banida do trauma alheia-se no inconsciente, causando sintomas no presente. Ainda segundo Bhabha (Ibid.), o desejo de lembrar e o repúdio pelo passado traumático estão presentes, juntos. Esta anamnese traz à tona a violência da colonização ao mesmo tempo em que aproxima e torna familiar o passado antagônico. A condição

⁴ “Three almost complete skeletons had been found. But a few days later, while excavating in the far reaches of a cave, Anil discovered a fourth skeleton, whose bones were still held together by dried ligaments, partially burned. Something not pre-historic” (ONDAATJE, 2000, p. 50-51).

⁵ “Only had to escape the past” (ONDAATJE, 2000, p. 265).

colonial levou o colonizador e o colonizado a uma dependência e ditou sua conduta perversa em relação ao mutualismo inevitável que gera uma relação de desejo e ódio do colonizado em relação ao colonizador.

O passado é algo que os personagens de *Anil's Ghost* tentam evitar a todo momento, das suas vidas particulares, a falar a verdade sobre o que aconteceu no seu país. Afinal, a verdade, às vezes, fica melhor escondida, abafada; na verdade não se sabe bem o que essa verdade – que desmascara o passado – pode trazer à tona.

Desta forma, para Sarath, falar a verdade é complicado; para ele “todo mundo está com medo, é uma doença nacional”⁶. O medo do passado, concordando com Bhabha, traz à tona a barbárie. No entanto, é possível encarar esse passado, pois “algumas pessoas deixam os seus fantasmas morrerem, outras não”⁷. O novo local de trabalho de Anil também fala muito alto em relação ao passado – ao passado idealizado e ao presente trágico. O *Oronsay* é um navio de passageiros da *Orient Line* que fazia viagens de luxo entre a Ásia e a Inglaterra – de Colombo para Port Said – durante os anos de colônia. Durante os anos 70, o glorioso navio passou somente a fazer viagens locais e, a partir de então, todo o luxo, representante de um passado maravilhoso, se transformou em um laboratório, onde cientistas analisam corpos em busca de evidência da barbárie e da tragédia que é o Sri Lanka real, e não o do sonhado passado histórico.

Como então trabalhar com a literatura comparada, disciplina forjada no bojo do imperialismo e do nacionalismo? Para responder a tal pergunta e apresentar a alternativa que considera viável, Said (1995, p. 91, passim) desenvolve um longo e preciso raciocínio. De uma forma breve e simplificada, a argumentação parte da constituição da disciplina para demonstrar o eurocentrismo do suposto universalismo em um “campo organizado epistemologicamente como uma espécie de hierarquia” (Ibid.), que termina por impor uma “ideia de história e por obscurecer a realidade geográfica e política que confere poder a tal concepção” (Ibid.). Assim, é na convergência entre história, literatura e geografia que Said (Ibid.) encontra o “contexto global contemporâneo” (Ibid) prefigurado, e é a partir dessa percepção que busca a elaboração de possíveis alternativas.

Hoje,

basta que ‘nós’ tracemos fronteiras imaginárias em nossas mentes para que ‘eles’ se tornem ‘eles’ de acordo com as demarcações, e tanto o seu território quanto a sua mentalidade são designados como diferentes dos ‘nossos’. Numa certa medida, as sociedades modernas e primitivas parecem obter a percepção de suas identidades de modo negativo (SAID, 1995, p. 91).

⁶ “Everyone’s scared. It’s a national disease” (ONDAATJE, 2000, p. 53).

⁷ “Some people let their ghosts die, some don’t” (ONDAATJE, 2000, p. 53).

Said discute que o reconhecimento da filiação imperialista da literatura comparada, da análise cultural e da antropologia permite questionar “a soberania e a autoridade do observador ocidental” (Ibid., p. 91). Por causa disso, e por causa da situação a que isso levou, agora se torna possível reinterpretar o arquivo cultural ocidental como se fosse geograficamente fraturado pela divisão imperial ativada e proceder a um tipo diferente de leitura e interpretação (Ibid., p. 86). O personagem de Ondaatje, Palipana, apresentado somente na segunda parte do livro, parece discordar disso. Ele não vê a Ásia de forma negativada; para ele, se a cultura europeia era antiga, a asiática era ainda mais antiga:

*Enquanto o Oriente via a história asiática como um horizonte apagado onde a Europa se juntava ao leste, Palipana via o seu país em profundidade e cor e a Europa simplesmente como uma marca ao final da península asiática*⁸.

Said (1978) também discute que o orientalismo pode ser encontrado nas descrições ocidentais atuais dos “árabes”. Os “árabes” são sempre irracionais, ameaçadores, não dignos de confiança, antiocidentais e desonestos. Essas noções sempre foram consideradas como pedras fundamentais para as ideologias e políticas desenvolvidas pelo Ocidente. Para cada Orientalista, literalmente, existe um sistema de apoio de poder titubeante, considerando a efemeridade dos mitos que o Orientalismo propaga. Seguindo essa mesma lógica, ainda no início do livro Anil encontra com Dr. Perera – de possível origem Espanhola – que trata seus pares no hospital como subalternos. Para o médico o staff local era “indisciplinado, preguiçoso, bobo, sujo e idiotizado”⁹.

Os empregados eram incapazes de manter o hospital limpo, logo, eram sujos, sem o refinamento do colonizador. Ele ainda os chama de “padayas”, que na cultura Sri Lanka seria a figura do diabo, o qual, por definição, é uma figura suja. Dr. Perera pode ser considerado como a figura do colonizador, que, diferente de Calaban, preferiu não aprender a *curse in the master's tongue*. Para a surpresa de Anil, ainda “existiam pessoas com essas opiniões em posições de autoridade”¹⁰. Desta forma, era mais seguro para muitos se calarem do que se revoltarem. O país vivia uma psicose do medo, “morte, perda, era ‘interminado’, então você não podia passar por cima disso”¹¹. A pergunta agora, para Anil e Sarath, era de quem era aquele esqueleto escondido dentre os encontrados no sítio arqueológico. “Quem era ele? Esse representante de tantas vozes que se perderam. Dar um nome a ele seria

⁸ “While the West saw Asian history as a faint horizon where Europe joined East, Palipana saw his country in fathoms and color, and Europe simply as a landmass on the end of the peninsula of Asia” (ONDAATJE, 2000, p. 79).

⁹ “Undisciplined, lazy, foolish, unclean and wrongheaded” (ONDAATJE, 2000, p. 24-25).

¹⁰ “There were people with his opinions in positions of authority” (ONDAATJE, 2000, p. 25).

¹¹“(…) death, loss, was ‘unfinished’, so you could not walk through it. (...) All that was left of law was a belief in an eventual revenge towards those who had power” (ONDAATJE, 2000, p. 55).

nomear todos"¹². Dar um nome ao esqueleto é praticamente sinônimo de contar a verdade, de qualificar o esqueleto, de se desenterrar um passado, que, até então, estava escondido pelas forças governantes.

Da mesma forma, para que se dê um nome a esse esqueleto, é necessário dar olhos a ele. Os olhos são o que "dão imagem à vida. Como um estopim. Os olhos são estopins. Precisa acontecer antes que a estátua ou pintura em uma 'vihara' possa se transformar em algo sagrado"¹³. Só após a pintura dos olhos que a estátua ou a pintura são consideradas sagradas.

A pintura dos olhos do Buda, ou a reconstrução do crânio de Sailor nos trazem à mesma conclusão. O olho, para Merleau-Ponty (2002, 26-27):

é o que foi comovido por um certo impacto do mundo e o restituiu ao visível através dos traços da mão. (...) Luz, iluminação, sombras, reflexos, cor, todos estes objetos da investigação não são propriamente seres reais: tal como os fantasmas, só têm existência visual.

Assim, podemos suscitar que a reconstrução dos olhos, ou seja, a reconstrução da visão, é o que traria a "iluminação". Logo, chegar ao conhecimento, através dos olhos de Sailor, seria não somente nomear a barbárie, mas reviver um passado triste, através da verdade, passado que, por intenção própria de seus personagens, era mais confortável manter escondido na mentira.

A verdade como opinião. Para Palipana, assim como para Ondaatje, "nós somos história"¹⁴. O tempo é uma mentira, o esquecimento do passado torna a história uma mentira, uma mentira contada pelo vencedor que esquece a versão do "outro". Principalmente porque as pessoas geralmente não conseguem discernir a verdade da mentira, então, contar a verdade, ou a mentira, não deveria importar. Sailor é, então, parte dessa história incrustada em ossos, perdida intencionalmente.

Cada pilar histórico que ele encontrou ele apoiou e ficou do lado como se fosse uma pessoa conhecida do passado. A maior parte da vida dele foi encontrando história em pedras e desenhos. Nos últimos anos ele encontrou as histórias secretas, perdidas intencionalmente, que alteraram a perspectiva e o conhecimento de tempos antigos. Era como as pessoas escondiam ou escreviam a verdade quando era necessário mentir¹⁵.

¹² "Who was he? This representative of all those lost voices. To give him a name would name the rest" (ONDAATJE, 2000, p. 56).

¹³ "Give the image life. Like a fuse. The eyes are a fuse. It has to happen before a statue or painting in a 'vihara' can become a holy thing" (ONDAATJE, 2000, p. 97).

¹⁴ "We are formed by history" (ONDAATJE, 2000, p. 105).

¹⁵ "Every historical pillar he came to in a field he stood beside and embraced as if it were a person he had known in the past. Most of his life he had found history in stones and carvings. In the last few years he had found the hidden histories, intentionally lost, that altered the perspective and knowledge of earlier times. It was how one hid or wrote the truth when it was necessary to lie" (ONDAATJE, 2000, p. 105).

O sistema agora culmina nas mesmas instituições do estado. Escrever sobre o mundo oriental árabe, dessa maneira, é escrever com a autoridade de uma nação, e não com a afirmação de uma ideologia aguda, mas com a certeza inquestionável de verdades absolutas endossadas por uma força absoluta. Said (1995, p. 139) continua:

Este tipo de procedimento seria considerado menos objetável que a propaganda política – que é o que é – naturalmente, se não fosse acompanhado por sermões a respeito das objeções, a justiça, a imparcialidade de um verdadeiro historiador, a implicação sempre sendo que muçumanos e árabes não podem ser objetos somente por Orientalistas (...) escrever a respeito dos muçumanos é, por definição, por treinamento, pelo mero fato de serem ocidentalizados. Este é o cúmulo do orientalismo como um dogma que não somente degrada o seu objeto de pesquisa, mas também cega seus praticantes.

Said (Ibid., p. 140) ainda acrescenta que:

vemos a conclusão lógica do pensamento orientalista e, mais interessante, do esforço orientalista. Para o Ocidente, a Ásia representara outrora a distância silenciosa e a alienação; o islã era a hostilidade militante ao cristianismo europeu. Para superar essas temíveis constantes, o Oriente precisava primeiro ser conhecido, depois invadido e possuído, depois recriado por eruditos, soldados e juizes que desenterraram língua, histórias, raças e culturas esquecidas para situá-las – fora do alcance do oriental moderno – como o verdadeiro oriente clássico que poderia ser usado para julgar e governar o Oriente moderno. A obscuridade esvaeceu para ser substituída por entidades de estufa; o Oriente era uma palavra de erudito, significando o que a Europa moderna recentemente fizera do ainda peculiar Leste.

Tal reconhecimento leva a uma subversão dos valores mais profundos, em que a filiação com o imperialismo encobre não só o silêncio imposto à periferia, como a proteção adquirida pelo isolamento metropolitano. A tarefa assim delineada é a de “retirar formas culturais ocidentais de sua proteção” (SAID, 1995, p. 140, passim), jogá-las na confusão que criaram e que evitaram, “colocá-las no meio do dinâmico global criado pelo próprio imperialismo” (Ibid.), ainda vivo. A aparente atitude revanchista de inversão revela profundo compromisso ético e extrema lucidez crítica, um trabalho em direção à simultaneidade das histórias e contra a totalidade de sistemas. Ao mesmo tempo, se “nenhum princípio teórico geral governa o conjunto

imperialista" (Ibid.), o princípio de dominação e resistência, que percorre desmontes locais do modelo central, gera pesquisas e conhecimentos particulares. Said chama atenção para o perigo. O movimento de inversão, releitura e reinterpretação, não deve ser "cooptado pelos nacionalismos e despotismos ressurgentes" (SAID, 1995, p. 140, passim). Para escapar da armadilha, o crítico propõe o que poderíamos chamar de identidade relacional, contrapontos e não essências, sobreposições divergentes, que evidencia que um não existe sem o outro.

A consciência vigilante de Said, que nesse momento passa a falar na primeira pessoa do plural, explicitando sua própria simultaneidade, se volta para a responsabilidade da academia americana, afirmando que não existe a possibilidade de um "fora", de uma não implicação, sendo necessário partir da admissão do "próprio enclausuramento imperial" (Ibid.). Sem reduzir ou nivelar diferenças, procurando salientar interdependências, Said propõe que, ao contrário da reação conservadora de restauração, o cânone seja lido junto com o imperialismo, como acompanhamento da expansão europeia, uma relação que deve ser formulada tendo o presente como guia.

A leitura da interdependência, a definição de uma identidade relacional e a localização simultânea são apresentadas como alternativas de resistência e desmonte do imperialismo, do qual, ao mesmo tempo, não se escapa: "Essa é a tragédia parcial da resistência: ela precisa trabalhar a um certo grau para recuperar formas já estabelecidas, ou pelo menos influenciadas ou permeadas pela cultura do império" (Ibid.). Uma leitura alternativa, que pretende resistir não só ao imperialismo, mas também ao nativismo. Reconhecendo a importância do nacionalismo nos movimentos de libertação e independência, Said alerta que "aceitar o nativismo é aceitar as consequências do imperialismo, as divisões raciais, religiosas e políticas impostas pelo próprio imperialismo" (Ibid.). Para evitar a armadilha da essencialização das identidades, a saída é "unir experiência e cultura" (Ibid.), ler em contraponto, reconceber a teoria numa "visão criativa e até utópica" (Ibid.), investir em uma "energia nômade, migratória, antinarrativa" (Ibid.).

Anil's Ghost é um livro que descreve os horrores desses movimentos de libertação e independência e as consequências da má utilização do poder. A barbárie da guerra e a ideologia dos dois grupos que brigavam pelo poder não necessariamente faziam parecer o seu verdadeiro interesse. O controle através do poder é geralmente o maior objetivo, em vez daquilo que as guerrilhas tentavam fazer o povo acreditar. Principalmente porque durante uma guerra não existem direitos, só horrores. E é claro que, para qualquer pessoa que presencie a guerra, a guerra é catastrófica.

Ghandi (1998, p. 141) discute que os estudos pós-colonialistas são marcados pelo foco na literatura pós-colonial, que se refere (mesmo que arbitrariamente) a "literaturas em inglês", ou àquelas literaturas que acompanharam a projeção e o declínio do imperialismo britânico. Faz um contraponto com a crítica atual, que defende que o encontro colonial deve

ser visto como um contexto textual ou uma batalha bibliográfica, entre livros opressivos e subversivos. Esses textos são extremamente importantes, pois são iniciadores e mantenedores do poder colonial e de seu duplo, a resistência colonial (GHANDHI, 1998, p. 141). Said (1978), em *Orientalismo*, fundou a textualidade imperial – para ele o colonialismo europeu era discurso. Dessa forma, entende-se que o discurso do colonizador projeta a representação, a imaginação e a tradução de um Oriente incompreensível por meio de códigos textuais e convenções.

O discurso colonial, por sua vez, manifesta-se como um sistema de ideias, como uma rede intertextual de interesses e significados presentes nos contextos social, político e institucional da hegemonia colonial. O colonizado não é um outro banido para fora da civilização, mas é produzido como o “outro”. Ele pensa de maneira diametralmente oposta à do colonizador. Como essa diferença do outro é absoluta, ela pode ser invertida. O mal, a barbárie e a licenciosidade do outro colonizado tornam possíveis a bondade, a civilidade e o decoro do Europeu. Essa alteridade produzida pelo colonialismo é necessariamente negativa, pois a sociedade europeia e seus valores se fundam na domesticação e na subordinação negativa do colonizado. No entanto, em *Anil's ghost*, nem as leis inglesas de Westminster seriam suficientes para amenizar os horrores da guerra. Neste caso, a bondade do colonizador era deficiente.

Para Fanon, em *Black Skin, White Masks*, o momento original da violência é o do colonialismo: dominação e exploração do colonizado pelo colonizador. Para ele, em contrapartida, o colonizado não deve fugir da violência, ela deve ser enfrentada diariamente. No entanto, foi esta textualidade colonial que criou a ideia de um oriente colonizável. Seu poder criativo sobre o Oriente pode ser lido como um ensaio para a dominação militar e administrativa das colônias. O império também se autorrepresentou textualmente ao narrar a cultura britânica metropolitana. Novamente nos lembramos de Negri em *Império* (2005), quando este afirma que a figura do outro, importado para a Europa e exibido em museus, foi posta à disposição do imaginário popular. A cultura alheia era vista como inferior e subdesenvolvida, corroborando com o projeto colonialista, em que o Europeu era comprovadamente superior.

Da mesma forma sabemos que a história a que temos acesso hoje é parte de um modelo e lógica europeus para sustentar e promover os interesses da autoridade colonial. A história é escrita pelo colonizador, que manipula e cria o que precisa seguindo seus próprios interesses. Permeado por uma história secundária de perdas (todos os personagens do livro de Ondaatje perderam alguma coisa de alguma maneira), com a reconstrução do rosto de Sailor por Ananda – o pintor de olhos de Buda e vítima direta da violência da guerra –, Ondaatje reconstrói a história do Sri Lanka e de toda a violência que ele sabe ser aniquiladora; dessa forma, o rosto de Sailor não seria reconhecido; “não era para uma reconstrução do rosto de Sailor que eles estavam olhando”¹⁶.

¹⁶ “It was not a reconstruction of Sailor’s face they were looking at” (ONDAATJE, 2000, p. 188).

Os poucos corpos que voltavam eram de vítimas de crimes políticos, mas só alguns voltavam “como evidência nos braços do país”¹⁷. A guerra é sempre injustificada, principalmente quando se quer esconder algo.

Construímos para nós mesmos toda uma bagagem conceitual que permite dizer “somos ocidentais”; no mesmo movimento, e com certa clareza, delimitamos outros elementos bastante heterogêneos como “orientais”. Em outras palavras, afirmar que as outras culturas dizem respeito à nossa é fazer um deslocamento, frente a outras perspectivas que antes eram privilegiadas. Desde o século XIX, as visões sobre culturas exógenas sempre se dividiram pelo menos em dois momentos: ou a outra cultura mostrava insuficiências, enganos, erros, ou continha ainda uma espécie de origem nobre, ingênua e humilde que os ocidentais teriam perdido no decorrer da história. De um lado, as outras culturas seriam “primitivas”; de outro, a própria primitividade mostraria uma espécie de lugar perdido e “ideal”, uma era de ouro, um privilégio perdido pelo ocidental. As duas visões colocam o oriente como o misterioso, inusitado, inacessível. Compartilham um ponto: o oriente é aquilo que é *distante*.

A diferença é que uma visão o valoriza negativamente, enquanto a outra sobrepõe ideais ocidentais ao que o oriental poderia efetivamente dizer. Mas, nos dois casos, o oriente é silenciado, pela projeção do ocidental que nele imputa seus próprios temas. Daí, retornamos à definição de Said: o oriente como “invenção” do ocidente diz respeito a uma dupla operação: primeiro afastar, calar, para depois projetar os próprios temas, fator comum às duas visões do oriente legadas pelo século XIX. Ao retomar a história dos povos orientais e a forma como suas imagens foram construídas, Edward Said revelou que a representação “Ocidental” do que é o “Oriente” tinha pouco a ver com as culturas e os povos que de fato viviam naqueles locais; eram mais uma busca de diferenciação e uma tentativa de justificação do poder colonial do Ocidente sobre o Oriente.

Em *Cultura e Imperialismo* (SAID, 1993), que dá sequência à temática de “Orientalismo”, Said estende a sua análise a outras regiões colonizadas: Índia, África, Caribe, Austrália e outras áreas do planeta em que o “Ocidente” se fez presente, seja na forma de imperialismo, seja na de colonialismo formal. Ao fazer isso, revela o poder da cultura na dominação desses povos e as formas de resistência dos colonizados à dominação. Também adiciona que um simples e binário “leste” x “oeste” em uma discussão tão importante é, afinal de contas, reinaugurar o “nós” x “eles” imperial e, claro, sem muita importância e fundamento. Na introdução desse livro, Edward Said (SAID, 1993) declara que, porquanto não acredite em nenhum tipo de determinismo econômico ou muito menos biológico, ele crê que os autores “estão . . . muito ligados à história de suas sociedades; eles influenciam e são influenciados por ela e pela sua experiência social em diferentes medidas” (Ibid., p. 56).

¹⁷ “As evidence into the arms of the country” (ONDAATJE, 2000, p. 212).

O termo “cultura” tem dois significados para Said. Primeiramente, significa a comunicação e a representação que são relativamente autônomas dos campos econômicos, sociais e políticos e que geralmente existem nas formas estéticas. O segundo é quase imperceptível e inclui um elemento refinado e elevado: é cada reserva do melhor que já foi pensado por uma determinada sociedade, isto é, nesse sentido, é uma forma de identidade, combativa, que vemos nos atuais “retornos” à cultura e tradição (Ibid., p. XII, XIII).

A cultura e as formas estéticas derivam, continua ele, da experiência histórica, e as narrativas estão no âmago do que “exploradores e romancistas dizem sobre regiões estranhas do mundo” (SAID, 1993, p. XXI.), além de tornar-se o método de que os povos colonizados se utilizam para afirmar sua identidade e a existência de sua própria história.

Em “Learning how to curse in the master’s tongue: estratégias do pós-colonialismo na América Latina”, Eduardo Coutinho (2007, p. 2) afirma que:

(...) a literatura oferece uma das formas mais importantes de expressar essas percepções e é através dela, e das outras manifestações artísticas, que as vivências cotidianas dos povos colonizados têm sido mais poderosamente codificadas e se revelado mais influentes.

Sailor é, afinal de contas, reconhecido na terceira vila de Plumbago como Ruwan Kumara, um minerador. Mas a busca de Sarath e Anil por desvendar o passado e trazer à tona a verdade começa a se tornar muito perigosa. O corpo de Sailor, ou Ruwan Kumara, é a maior evidência de assassinatos fabricados pelo governo, e, por esta razão, Anil é instruída por Sarath a sair do país secretamente. Em tempos de guerra, falar a verdade pode ser mais custoso do que escondê-la. A morte de Sarath e o tratamento dado ao seu corpo pelo próprio irmão, Gamini – “ele poderia curar seu irmão, consertar a perna, cuidar de cada ferida como se estivesse vivo, como se tratasse de centenas de traumas que eventualmente o trariam de volta à vida”¹⁸ – revela o que a história é incapaz de fazer – reviver a ela mesma, falando a verdade no exato momento que ela precisa ser dita, é revelar a identidade e dar finalmente um nome ao oprimido, para, talvez, curar os traumas da colonização.

O livro termina com a descrição detalhada da reconstrução de uma estátua de Buda, em Buduruvagala, destruída por um grupo de delinquentes. Ondaatje lembra que “esse não foi um ato político ou um ato perpetrado por uma crença contra a outra”¹⁹, contrastando com o assassinato do presidente por um grupo terrorista perante a população, ou a enorme quantidade

¹⁸ “He could heal his brother, set the left leg, deal with every wound as if he were alive, as if treating the hundred small traumas would eventually bring him back into life” (ONDAATJE, 2000, p. 287).

¹⁹ “This was for once not a political act or an act perpetrated by one belief against another” (ONDAATJE, 2000, p. 300).

de corpos que apareciam diariamente nos lugares mais improváveis. A reconstrução da estátua, mal comparando, é a reconstrução do país no pós-guerra. Para Ananda, a parte mais importante era reconstruir o rosto. O rosto que, para Said, Gandhi e muitos outros pensadores, dava ao oriental a sua única identidade em um mundo de guerras; “a guerra tinha a ver com demônios, espectros de retaliação”²⁰. Ananda estava “consciente de que ele e a mulher Anil sempre carregarão o fantasma de Sarath Diyasena”²¹. O fantasma de Sarath provavelmente não é nada mais do que uma tentativa de acordar o Ocidente para a dura realidade em que ainda vivem os povos do Oriente.

A atualidade da análise de Said confirma a ideia de que o imperialismo não acabou, não se tornou “passado” com os processos de descolonização e a desmontagem dos impérios clássicos. Os vínculos entre antigas colônias e antigas metrópoles continuam a demandar atenção especial, e o papel de superpotência, desempenhado pelos Estados Unidos, hoje, mostra que, apesar do novo arranjo nas linhas de força, o imperialismo continua a ser o traço marcante das relações Norte-Sul. E essa situação mantém a necessidade ideológica de consolidar e justificar a dominação em termos culturais, como tem sido o caso desde pelo menos o século XIX. Segue-se que o papel primordial dos intelectuais dentro e fora das universidades, tanto do Norte quanto do Sul, é resistir a essa ideologia que, disfarçada de “conhecimento”, objetiva deturpar para mais facilmente subordinar os povos que, nas palavras de Conrad, retomadas por Said (1978), “possuem uma compleição diferente ou um nariz um pouco mais achatado”.

Vale ainda ressaltar que a vida de um árabe no Oeste, particularmente nos EUA, não é fácil. Existe praticamente um consenso de que politicamente ele não existe, e quando lhe é permitido existir, é somente como um problema ou como um oriental. A teia de racismo, estereótipos culturais, imperialismo político é realmente muito dura. A imagem do Oriente, que colocou o Ocidente sonhando com o século XIX, devolve ao Oriente uma imagem do seu passado. Hoje, uma imagem a caminho do extermínio: o Oriente colorido, brilhante, de roupas diferentes e de riqueza de formas está num processo de ser destruído por um mundo mais moderno. A imagem que foi fixada pelo Ocidente no século XIX – os Orientais tentam, agora, recuperá-la.

Referências

BHABHA, Homi. **The location of culture**. New York: Routledge Classics, 2004.

BUENO, Andre. **Orientalismo: estudos orientalistas**. Disponível em: <<http://orientalismo.blogspot.com/>>. Acesso em: 1 out. 2007.

²⁰ “The war around him was to do with deamons, spectres of retaliation” (ONDAATJE, 2000, p. 304).

²¹ “He and the woman Anil would always carry the ghost of Sarath Diyasena” (ONDAATJE, 2000, p. 305).

COUTINHO, Eduardo. Learning how to curse in the mother's tongue: estratégias do pós-colonialismo na América Latina. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LITERATURA COMPARADA, IV, 2001, Évora, Portugal: Universidade de Évora, 2001. Disponível em: <<http://www.eventos.uevora.pt/comparada/Volumel/LEARNING%20HOW%20TO%20CURSE%20IN%20THE%20MASTERS%20TONGUE.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2007.

GANDHI, Leela. **Postcolonial teory**: a critical introduction. New York: Columbia University Press, 1998.

LOOMPA, Ania. **Colonialism/post-colonialism**. New York: Routledge, 1998.

NEGRI, Antonio. **Império**. SP: Editora Record, 2005.

ONDAATJE, Michael. **Anil's ghost**. New York: Vintage International, 2000.

PORTILHO, Carla de Figueiredo. **Contra-escrituras chicanas**: revisitando mitos e subvertendo gêneros. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2004.

SAID, Edward W. **Culture and imperialism**. New York: Vintage Books, 1993.

_____. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 1978.

THE NEW YORK TIMES. www.nytimes.com. Acesso em: 10/11/2007.